



*O Baile do Sr. Fezziwig*

## Prefácio

Tentei neste Fantasmagórico pequeno livro sublevar o Fantasma de uma Ideia que não deve indispor os meus leitores, quer consigo próprios, uns com os outros, com a época, ou comigo. Que assombre as suas casas de forma agradável, e que ninguém deseje apaziguá-lo.

Seu fiel Amigo e Servidor,  
C.D.

Dezembro, 1843.



## 1.<sup>a</sup> ESTROFE

### O Fantasma de Marley

Para começar Marley estava morto. Não havia qualquer dúvida a esse respeito. O registo do funeral foi assinado pelo sacerdote, pelo escrivão, pelo coveiro e pelo representante da família. Scrooge assinou-o. E o nome Scrooge era sinónimo de bom investimento, no que quer que fosse que ele decidisse apostar.

O Velho Marley estava morto que nem um prego.

Atenção! Não quero com isto dizer que sei, por conhecimento próprio, o que um prego tem de morto. Posso ter tido vontade de, eu próprio, encarar um prego de caixão como a peça mais morta que existe no mercado de ferragens. Mas a sabedoria dos nossos antepassados está na analogia; e as minhas mãos ímpias não devem perturbá-la senão o País estaria condenado. Permitir-me-á então que repita, categoricamente, que Marley estava morto que nem um prego.

Scrooge sabia que ele estava morto? Claro que sim. Como podia não saber? Ele e Scrooge foram sócios durante não sei quantos anos. Scrooge era o seu único testamentário, o seu único curador, o seu único mandatário, o seu único herdeiro universal, o seu único amigo e único pranteador. E nem este triste acontecimento dilacerou Scrooge o suficiente para o fazer perder as qualidades negociais no dia do funeral, aproveitando para lhe dar maior solenidade com uma incontestá-

vel negociata. A referência ao funeral de Marley leva-me de volta ao ponto de partida. Não havia qualquer dúvida de que Marley estava morto. Isto deve ser entendido com clareza, ou a história que vou contar nada terá de extraordinário. Se não estivéssemos completamente convencidos de que o pai de Hamlet morreu antes de a peça começar, nada de especial haveria no facto de ele dar um passeio pelas muralhas à noite, sob o vento leste, pelo menos não mais do que haveria em qualquer cavalheiro de meia-idade que aparecesse precipitamente, ao anoitecer, num lugar ventoso — como o Cemitério de Saint Paul, por exemplo — só para perturbar o débil espírito do filho.

Scrooge nunca apagou o nome do Velho Marley. Ali estava, anos mais tarde, por cima da porta do armazém: Scrooge e Marley. A empresa era conhecida como Scrooge e Marley. Por vezes, as pessoas que não conheciam a empresa chamavam Scrooge a Scrooge, e por vezes Marley, mas ele respondia pelos dois nomes. Era-lhe indiferente.

Ah! Mas Scrooge era um unhas de fome que trabalhava sem descanso! Um velho pecador, extorsionista, falso, ganancioso, avaro, somítico, invejoso! Duro e arguto como uma pederneira, da qual aço algum conseguira fazer surgir uma centelha de bondade; reservado, contido e isolado como uma ostra. A crueldade dentro dele gelara-lhe as feições decrépitas, queimara-lhe o nariz pontiagudo, enrugara-lhe a face, entorpecera-lhe o passo; os olhos ficaram vermelhos, os finos lábios ficaram azuis, o que se manifestava na sua voz áspera. Uma camada de gelo cobria-lhe a cabeça, as sobranceiras e o queixo duro. Carregava sempre consigo o seu glacial estado de espírito; gelava o escritório em dias de canícula; e não aumentava nem um grau no Natal.

O calor e o frio do exterior pouco afetavam Scrooge. Não havia calor que o aquecesse ou tempo invernososo que o arrefecesse. Não havia vento mais cortante, nem tempestade de neve mais implacável, nem chuva mais persistente do que ele. O mau tempo não era capaz de o apanhar. A chuva mais forte,

e a neve, e o granizo, e o gelo tinham apenas uma vantagem sobre ele. «Caíam» muitas vezes de forma elegante, coisa que Scrooge nunca foi.

Jamais alguém o deteve na rua para lhe dizer, com ar alegre: «Meu caro Sr. Scrooge, como tem passado? Quando vai visitar-me?» Em toda a sua vida pedinte algum implorou caridade a Scrooge, criança alguma lhe perguntou as horas, homem ou mulher algum lhe perguntou a direção para este ou aquele lugar. Até os cães-guia dos cegos pareciam conhecê-lo; quando o viam aproximar-se, arrastavam o dono para entradas e pátios; e abanavam as caudas como que a dizer «Meu cego dono, mais vale um olhar vazio que um mau-olhado!»

Mas Scrooge pouco se importava! Era exatamente disso que ele gostava. Seguir o seu caminho pelas congestionadas estradas da vida, guardando distância de toda e qualquer evidência de simpatia humana, e era por isso que os mais astutos lhe chamavam «doido».

Um dia — num dos melhores do ano, véspera de Natal — o velho Scrooge estava embrenhado no trabalho no seu escritório de contabilidade. Estava um tempo frio, gelado, cortante: nebuloso demais: e ouvia as pessoas lá fora, no pátio, de um lado para o outro, a arfar, esfregando as mãos e batendo com os pés nas pedras da calçada para se aquecerem. Os relógios da cidade tinham batido as três, mas já estava bastante escuro — não houvera luz o dia inteiro — e as velas flamejavam nas janelas dos escritórios vizinhos, como manchas avermelhadas na atmosfera sombria. O nevoeiro entrava pelas fendas e buracos das fechaduras, e era tão denso, que apesar de o pátio ser dos mais estreitos, as casas em frente pareciam sombras fantasmagóricas. Vendo as nuvens sombrias abaterem-se sobre a cidade, escurecendo tudo, podia pensar-se que a Natureza morava ali ao lado e se fortalecia em larga escala.

A porta do escritório de contabilidade de Scrooge estava aberta para que ele pudesse estar de olho no seu escrivão, que copiava cartas num pequeno e escuro compartimento, uma

espécie de cubículo. A fogueira de Scrooge era muito pequena, mas a do escrivão era tão pequena que mais parecia uma única brasa. Mas não podia atear-lá, pois Scrooge guardava a caixa do carvão no próprio gabinete; e assim que o escrivão aparecia com a pá, o patrão alertava-o de que teriam de partilhá-lo. Por isso o escrivão punha o cachecol de lã branca e tentava aquecer-se na chama da vela; em vão, pois não era homem de imaginação prodigiosa.

— Um feliz Natal, tio! Deus o abençoe! — exclamou uma voz bem-disposta.

Era a voz do sobrinho de Scrooge, que apareceu à sua frente tão de repente que este foi o primeiro sinal da sua aproximação.

— Bah! — disse Scrooge. — Disparates!

Esse sobrinho de Scrooge aquecera-se ao caminhar apressadamente por entre o nevoeiro e a geada, e estava afogado; a face rosada e graciosa; os olhos brilhavam e da sua respiração exalava vapor.

— O Natal, um disparate, tio? — disse o sobrinho de Scrooge. — Não está a falar a sério, pois não?

— Estou pois — disse Scrooge. — Feliz Natal! Que direito tens tu de estar feliz? Que razões tens para estar feliz? És pobre.

— Então — respondeu o sobrinho alegremente —, e que direito tem o tio para estar triste? Que razões tem para ser tão rabugento? É suficientemente rico.

No calor do momento e à falta de melhor resposta Scrooge repetiu «Bah!» e concluiu com «Disparates».

— Não se zangue, tio! — disse o sobrinho.

— Como queres que não me zangue — respondeu o tio —, se vivo num mundo de doidos como este? Feliz Natal! Celebrar o Natal é uma vergonha! O que é a época natalícia senão uma época para pagar contas sem ter dinheiro; uma época para notar que se está um ano mais velho, mas não mais rico; uma época para fazer o balanço das contas e concluir que todos os valores, ao longo de doze meses, são negativos? Se pudesse fazer o que me apetece — disse Scrooge indignado —, cada